

a rentabilidade da empresa, devendo os numerosos cursos ditos de "criatividade" organizados em ligação com a gerência.

3 André Lerol-Gourhan, *L'Homme et la Matière e Milieu et Technique*, Paris, Albin Michel, 1971, col. Sciences d'Aujourd'hui.

4 Como compreender de outro modo esta mulher que propôs no "public channel" uma emissão sobre a maneira de fazer os "melhores" yogours? Proposta a primeira vista irrisória, mas na qual se esconde certamente um apelo aos outros, um apelo para sair da solidão na qual nos condenam as megalópoles.

5 "As declarações do magistério, mesmo sendo dogmas no senso mais estrito da palavra, tem necessidade de novas interpretações", declara o cardeal Deepfner, arcebispo de Munique, no symposium que reuniu uma centena de bispos em Colre em 1969. "E mesmo se, com a assistência do Espírito Santo, elas contem uma verdade que desafia os tempos, isto é, uma verdade que é objetivamente válida para sempre de declarações submetidas às condições históricas, encerradas em conceitos condicionados por tal época ou tal sistema e oriundas de certas situações concretas e de um acontecimento bem determinado. É porque elas exprimem sempre a verdade de uma maneira inadequada, sob um certo ângulo, de maneira fragmentada, em consideração a certos aspectos e em função de um destinatário bem preciso Assim para bem compreende-las é necessário bem conhecer este condicionamento. Cf. *Le Monde*, 9 de Julho de 1969.

6 Jean-Pierre Dubois-Dumés, *La Télévision par câble en France*. "Un nouveau médium. Structures et projets", e "Les expériences de video-animation". Strasbourg, Conseil de L'Europe, documentos n.º CGC/DC (73) e 95.

7 Numerosas confrontações de vídeo-arte tem acontecido desde alguns anos, notadamente: 1972, Bienal de Veneza, Documenta V em Kassel, 1973 "Trigon" Graz, 1974 New York "Open Circuits". Proponho-me voltar ao estudo aprofundado destes assuntos em outra oportunidade.

8 Cf. Ludwig von Bertalanffy, *Théorie générale des Systèmes physiques, biologiques, psychologiques, sociologiques, philosophiques*. Paris, Dunod, 1973.

9 Cf. Schrödinger, *Qu'est-ce que la vie?* -- Léon Brillouin, *Vie, Matière et Observation*. Paris, Albin Michel, 1959.

10 "Suponhamos que produzíssemos como seres humanos: cada um de nós afirmar-se-ia duplamente na sua produção, si-mesmo

e o outro...

As produções seriam tantos espelhos onde nossos seres refletiriam de um para outro". Marx, Ed. Pléiade, T. II, p. 33.

VILÉM FLUSSER - MODELOS MUDAM

Modelos mudam. Esta afirmativa é característica da chamada "idade moderna". Na Antiguidade e na Idade Média modelos são imutáveis. Para os gregos e os cristãos "sabedoria" é contemplação dos modelos imutáveis, (das formas). Embora o método varie, ("theoria" para os gregos, "fé" para os cristãos). Para os modernos "saber" é, entre outras coisas, manipular e mudar modelos. Toda vez que um modelo muda, muda a nossa visão, e portanto compreensão do modelado. Mas há feed-back em tal processo. Toda vez que a nossa compreensão de um determinado fenómeno se revela insatisfatória, buscamos novo modelo.

Há vários critérios para classificar modelos. Três dos critérios são o motivo do presente ensaio. *Primeiro critério: dimensão*. (1) Modelos lineares, por exemplo descrições, equações e curvas. (2) Modelos planos, por exemplo mapas geográficos e desenhos de aparelhos. (3) Modelos tridimensionais, por exemplo casas-miniatra e estruturas de arame com bolas modelando estruturas de moléculas: Toda vez que muda a dimensão do modelo, muda a cosmovisão. O exemplo clássico disto é o aparecimento do globus. Isto é a curvatura do mapa. Outro exemplo é o aparecimento de modelos tridimensionais da informação genética. Isto é o desdobramento dos modelos bioquímicos planos para dentro do espaço. *Segundo critério: dinâmica*. (1) Modelos sincrónicos, por exemplo mapas anatómicos e mapas políticos. (2) Modelos diacrónicos, por exemplo modelos plásticos de organismos com órgãos substituíveis, e séries de mapas históricos. Toda vez que muda a dinâmica dos modelos, muda a cosmovisão. O exemplo clássico é a biologia, isto é, a substituição do modelo sincrónico dos enciclopedistas pelo modelo diacrónico darwiniano. Outro exemplo é a química, isto é, a substituição do modelo de valências pelo modelo de interferências de órbitas de electrons. *Terceiro critério: perspectiva*. (1) Modelos objetivos, (projetados de um ponto de vista que transcende o fenómeno). (2) Modelos subjetivos, (projetados de um ponto de vista de quem enfrenta o fenómeno). (3) Modelos intersubjetivos, (projetados a partir do concreto estar-no-mundo humano). Na nossa tradição modelos objetivos, (por exemplo os da ciência), e modelos subjetivos, (por exemplo os da

arte), se completam para resultar em nossa cosmovisão. A crise da nossa cosmovisão se manifesta, entre outras coisas, pela crescente problematidade dos modelos objetivos, e pelo aparecimento de modelos intersubjetivos.

Os três critérios motivam o presente ensaio pela razão seguinte: mostram que a elaboração de novos modelos é problema técnico e problema de ponto de vista, e que poucas são as atividades humanas tão revolucionárias quanto o é a elaboração de novos modelos. Começarei pela discussão do problema do ponto de vista, e aplicarei a discussão ao fenômeno "corpo humano".

A grande maioria, senão a totalidade, dos modelos postos ao nosso dispor pelas ciências é do tipo "objetivo". Tais modelos são projetados a partir de uma "transcendência" do sujeito que pretende orientar-se no mundo. A partir de tal perspectiva o mundo é visto e modelado como contexto composto de objetos. Por exemplo o corpo humano aparece, sob tal perspectiva, como sendo um entre vários objetos no mundo, e como objeto de tipo específico, chamado "organismo". Os modelos do corpo humano que a ciência nos fornece, (mapas anatómicos, descrições fisiológicas etc.), são projeções a partir de tal ponto de vista tanto quanto certos mapas geográficos são projeção "Mercator". O ponto de vista "objetivo", assumido conscientemente e metódicamente, desde pelo menos o Renascimento, apresentava sempre dificuldades de várias ordens. Por exemplo, a dificuldade de se saber exatamente o que é o sujeito transcendente, e com que métodos ele consegue transcender o objeto. Mas os modelos funcionavam extremamente bem na praxis, de forma que tais dificuldades foram sendo relegadas a segundo plano. Ultimamente, no entanto, estão surgindo dificuldades de ordem diferente. Está se tornando sempre mais claro nos mais variados campos de atividade que a divisão nítida "sujeito objeto" é impraticável. O princípio de Heisenberg é apenas um entre vários exemplos disto. Pois tal dificuldade prática não pode ser relegada a segundo plano, porque faz surgir a suspeita que modelos objetivos deformam de alguma maneira o fenômeno a ser compreendido, (e manipulado). E há outra suspeita, talvez ainda mais perturbadora. Possivelmente o próprio modelo interfere no fenômeno a ser modelado, de maneira que o próprio fenômeno se deforma para adaptar-se ao modelo. A relação entre modelos econômicos, políticos e sociais de um lado, e a realidade a ser por eles modelada, é bom exemplo disto. De maneira que não é mais tão fácil assumir-se pontos de vista

objetivos e projetar-se modelos a partir de tal perspectiva. Não é fácil por razões práticas, que se acrescentam às teóricas sempre existentes. Isto é aspecto da nossa crise. (o aspecto "crise da objetividade").

Em consequência está sendo elaborado, em toda parte, um novo ponto de vista, (que é "novo" apenas no sentido de "deliberadamente assumido para superar a crise"). É o ponto de vista de quem não procura transcender o mundo, mas assumir-se enquanto mergulhado dentro do mundo. A elaboração de tal ponto de vista, e de modelos projetados a partir de tal ponto de vista, é o programa da "Fenomenologia". Pois os modelos que vêm sendo propostos sob tal perspectiva nova, modificarão nossa cosmovisão radicalmente. Por exemplo a nossa visão do corpo humano: Não mais é visto como um entre os objetos do mundo que nos cerca, mas como nossa maneira de "estarmos-no-mundo". Isto é: vivenciarmos e manipularmos os objetos que nos cercam. Tais modelos do nosso corpo, se e quando disciplinadamente elaborados, não serão mais objetivos, (como que vistos a partir de Marcianos), mas intersubjetivos, (vistos a partir da condição corpórea comum a todos os homens). Nem serão subjetivos, (vistos a partir de um específico sujeito). No entanto, ainda não dispomos de modelos satisfatórios deste tipo. Não dispomos de tais modelos, embora a literatura "fenomenologia do corpo humano" esteja aumentando e se aprofundando com cada ano que passa. Isto tem a ver com o problema técnico da elaboração de modelos.

Modelos são instrumentos para a compreensão, e posterior manipulação do fenômeno por eles modelado. Como todo instrumento, são resultados de determinada tecnologia. Os mapas elaborados à base de aero-fotografia são modelos diferentes dos mapas elaborados à base de navegação costeira. Em consequência é diferente a visão que temos do modelado, (de um país por exemplo). A escrita alfabética é resultado de determinada técnica de trabalhar-se o barro. Representa profunda revolução na história, (com efeito: inicia a história propriamente dita), porque possibilita a elaboração de modelos lineares, ("históricos"), do mundo. A aeronáutica surgiu por razões independentes da atividade modeladora, e também a fabricação de tijolos. Mas dado um contexto específico, no qual por uma ou outra razão certos modelos disponíveis são julgados insuficientes, (por exemplo desenhos de cenas ou a projeção "Mercator" para mapas), o desenvolvimento tecnológico recente pode oferecer a possibilidade para a elabo-

ração de modelos de novo tipo. Tal parece ser o caso da atualidade.

Dispomos, atualmente, de toda uma gama de métodos novos para a comunicação de fenômenos que nos cercam. Filmes, videotapes e hologramas são apenas exemplos da grande variedade de expressão nova da qual dispomos. O que caracteriza todo este desenvolvimento é isto: podemos doravante estruturar as nossas mensagens de forma previamente impossível. Por exemplo: no filme e no videotape podemos estruturar planos linearmente, e no holograma, podemos fazer o plano transparente para o espaço. Ou: podemos, graças a estes e outros meios, diacronizar sincronias e sincronizar diacronias. Em outros termos: podemos doravante elaborar modelos de tipos antes impossíveis por falta de tecnologia apropriada. Tal virtualidade modeladora da chamada "revolução nos meios de comunicação", e o impacto que teria, se realizada, não parece ter penetrado profundamente a consciência geral, e isto é surpreendente. É surpreendente, porque de um lado a carência de modelos de novo tipo é patente, e de outro lado as experiências com os videotapes em curso parecem clamar por utilização "modelar" desse meio, (para citar apenas um único exemplo). Assim por exemplo necessitamos de modelos radicalmente novos para as várias cosmogonias que vêm sendo elaboradas por meios obviamente inadequados, (descrições discursivas, desenhos, planos etc.), e a técnica dos videotapes parece indicada para tais modelos. A nossa é a situação de sumeros que dispõem de tijolos e os utilizam apenas para neles imprimirem carimbos representando animais e deuses. E os críticos sumerianos discutiram se os leões carimbados podem vir a substituir os leões talhados em pedra. Embora outros sumeros já tivessem procurado, com êxito duvidoso, talhar letras em pedras. É que é difícil libertar o tijolo da pedra, e o videotape da pintura e da fita de cinema.

O paralelo sumeriano, (em si duvidoso), pode ser elaborado. Os sumeros podem ser manipulados para servirem de modelos para o nosso problema. Suponhamos que por razões não mais reconstituíveis todos os modelos que os sumeros faziam do seu mundo deixavam progressivamente de satisfazê-los. Por serem tais modelos, por exemplo cenas, (pintadas, esculpidas ou representadas por ritos) não satisfaziam mais, porque o mundo não era mais compreensível como conjunto de cenas. Passou a ser, por falta de novo tipo de modelos, incompreensível. Em tal si-

tuação crítica surgiram as tentativas destinadas a elaborar modelos mais adequados. O resultado foi a escrita alfabética linear que fornecia modelo para nova compreensão do mundo: não mais cena, mas processo. A crise tinha sido superada, e o mundo voltou a ser compreensível. Pois a elaboração do novo tipo de modelo era motivada pela crise, isto é por um novo ponto de vista relativo ao mundo. E a crise foi efetivamente superada, porque uma nova tecnologia, (a fabricação de tijolos), permitiu a elaboração do tipo de modelo apropriado à nova compreensão do mundo. E na medida na qual os tijolos vinham sendo utilizados enquanto modelos, (na medida na qual surgiam bibliotecas de tijolos), uma nova cosmovisão ia sendo elaborada, cosmovisão contida apenas em germe no projeto inicial da escrita. De forma que uma nova compreensão do mundo motivou a invenção da escrita, e, por sua vez, a escrita possibilitou a elaboração dessa compreensão em cosmovisão progressivamente rica. O paralelo sugere que os novos meios de comunicação ocupam, no nosso contexto, o lugar ocupado na Suméria pelos tijolos.

Mas o paralelo sugere também que Toth, (o inventor mítico da escrita), deve ter sido, por necessidade, uma espécie de gremio composto de "pensadores", "técnicos", e "artistas". "Pensadores" para projetarem os novos modelos a partir do novo ponto de vista, (não mais cénico, mas histórico). "Técnicos" para manipularem os tijolos de maneira a torná-los utilizáveis enquanto modelos. E "artistas", para traduzirem os modelos tradicionais, (pinturas, esculturas), para o novo médium agora disponível. E isto explica porque ainda não dispomos de modelos satisfatórios que recorram aos novos meios: os gremios ainda não estão constituídos. Os novos meios ainda estão em posse de técnicos, e, muito precariamente, em posse de artistas. Os pensadores, isto é, os filósofos e cientistas que estão assumindo o ponto de vista fenomenológico, ainda não cooperam sistematicamente na manipulação de tais meios. Se fôr conseguida cooperação sistemática de técnicos de comunicação com artistas, filósofos e cientistas visando deliberadamente a projeção de novos tipos de modelos, um passo decisivo em prol de uma superação do aspecto epistemológico da nossa crise teria sido dado. Para tanto seria necessário que os técnicos admittam as suas limitações, os artistas abandonem a sua atitude estetizante, e os filósofos e cientistas desçam do seu pedestal de hermetismo erudito. E que os detentores dos meios de comunicação possibilitem experiências em

tal sentido. Admite-se ser muito difícil imaginar que tais condições se reúnem.

No entanto, embora seja difícil imaginar-se tal reunião das condições, não é tão difícil imaginar-se o seu possível resultado. Os parágrafos seguintes procurarão imaginar um possível modelo do corpo humano, projetado do ponto de vista fenomenológico. (Intersubjetivo), e recorrendo a um videotape deliberadamente manipulado para tanto. O propósito disto não é tanto querer seduzir técnicos de videotape para a tentativa de realizar o modelo imaginado. É mais a tentativa de provocar discussão em torno da viabilidade de modelos desse tipo.

Imaginem na tela TV uma bola oca de parede grossa. Imaginem tal bola translúcida, plástica, e em movimento constante. Imaginem a bola inserida em contexto composto de elementos móveis, que tendem a se aglomerar em torno da bola e a se dispersar em direção do horizonte da tela. Imaginem, finalmente, que alguns elementos penetram a parede da bola mais ou menos profundamente, e que a bola expede ocasionalmente secreção que congela para formar elemento do contexto. Proponhamos tal imagem, possivelmente acompanhada de som apropriado, como modelo fenomenológico do corpo humano.

Para tanto rotulemos as várias partes do modelo. Chamemos a vacuidade da bola "eu", a sua parede "meu corpo", o contexto "meu mundo", e o horizonte "minha morte". Chamemos os elementos do contexto que se aproximam da bola "meus problemas", e as secreções expulsas em direção do contexto "minhas obras". Chamemos o movimento dos elementos em direção da bola "meu futuro", o movimento da expulsão da secreção "meu passado", e os lugares de feed-back entre bola e contexto na superfície externa da bola "meu presente". Tais rotulos bastarão, provisoriamente, para a inserção de informações no modelo. O modelo deve ser, no entanto, mantido aberto. Isto é, modificável na medida na qual informações vão sendo inscritas. Isto é: o videotape deve ser reutilizável repetidas vezes. Procuremos imaginar como tal inscrição de informações poderia dar-se:

Um problema específico se apresenta vindo do meu futuro. Chamemo-lo "dor de fígado". Seria leve, no entanto, chamar o ponto no qual a dor se apresenta no meu corpo de "fígado", e dizer que conseguimos localizar um órgão do corpo no modelo. Seria leve, porque sem dor o fígado não é vivenciado como fazendo parte do meu corpo. Ao contrário de outras partes, o

fígado faz parte do meu corpo apenas na forma de problema. Este fato deve ser nitidamente reconhecível no modelo. Deve haver região intermediária entre bola e contexto, (talvez colorida de determinada maneira), que pode ser rotulada "aspecto problemático ou teórico" do meu corpo. O fígado estará localizado dentro de tal região na proximidade da parede da bola, e as moléculas de proteína estarão localizadas na mesma região na proximidade do contexto. O critério da localização será a maior ou menor concreticidade do problema. Tal região intermediária entre meu corpo e meu contexto tenderá a coincidir com os modelos objetivos do corpo humano fornecidos pela biologia, e deverá recorrer amplamente a eles.

Outro problema específico se apresenta vindo do meu futuro. Chamemo-lo "um texto impresso". Ao se apresentar o problema, a parede da bola se abre e forma canal pelo qual o problema penetra a vacuidade. Chamemos tal canal "meus olhos". Em tal instante meu corpo todo passa a ser suporte dos meus olhos. É todo ele olhos. Funciona exclusivamente em função dos meus olhos. Mas logo depois, com a apresentação de mais outro problema, a parede da bola se abre para formar canal diferente. Meu corpo passa a ser, todo ele, suporte da minha boca, do meu meu dedo, do meu sexo, e assim por diante. O modelo deve tornar evidente tal constante modificação da função do meu corpo enquanto mediação entre "eu" e "meu mundo". Isto pode ser feito mediante iluminação variável da bola, (uma cor correspondendo à "pé", outra a "dente" e assim por diante), ou mediante vários sons que acompanham a abertura de vários canais na bola. Deve ser também mostrada a interferência entre os vários canais, e a maneira como moldam o problema que por eles passa.

Mas o modelo deve poder mostrar também que os canais que assim se abrem aos problemas que se apresentam não são todos do mesmo tipo. O canal "olho" por exemplo se distingue do canal "dedo" pelo seguinte: Meu corpo tem vários dedos, e um dedo pode apalpar outro dedo. Mas embora meu corpo tenha dois olhos, um não pode ver o outro. Em outros termos: o dedo é vivenciado enquanto parte do corpo à sua própria maneira, (é palpável), mas o olho é vivenciado enquanto parte do corpo apenas por mediação de outra parte, (é palpável, mas não visível). Isto o modelo pode tornar evidente pela relação entre canal e vacuidade. O olho seria mais semelhante à vacuidade, (mais como "eu") que o dedo, o qual seria mais semelhante

ao elementos do contexto, (mais como "meu mundo"). Em sequência a parede da bola, (meu corpo), tenderia, toda ela, ser mais semelhante à vacuidade, (mais oca) em determinados momentos, e mais semelhante a os elementos do contexto, (mais compacta), em outros momentos. Seria talvez possível, ao longo da utilização do modelo, descobrir um ritmo em tal pulsação da bola.

Uma secreção específica é expulsa da parede da bola em direção do contexto e congela para formar elemento do contexto. Chamemos tal secreção "meu gesto de escrever" e tal elemento congelado "carta por mim escrita". O modelo deve poder mostrar como tal secreção começa a formar-se na parede interna da bola, em que meandros complexos penetra pela parede, e como irrompe em determinado ponto da superfície, chamado "minha mão". Deve poder mostrar, ainda, como durante o processo, a bola toda se transforma em cunha que tem minha mão por ponta. De forma que em tal momento o meu corpo todo sustenta a minha mão no seu gesto de escrever, e forma parede de um canal entre "eu" e "minha mão escrevendo". Mas o modelo não deve contentar-se com isto. Deve poder mostrar que a verdadeira ponta da cunha não é minha mão, mas a caneta por ela segurada. Em tais instantes, pois, a caneta deve formar a parte mais característica do meu corpo. Mas o modelo não deve esconder o fato que em outros instantes a caneta não é parte do corpo, mas elemento do contexto. Tais elementos do contexto que podem ser invertidos para apontarem o contexto, e fazerem parte do corpo podem ser chamados "instrumentos", e devem ser nitidamente reconhecíveis como tais no modelo.

Não há, evidentemente, necessidade em continuar imaginando possíveis informações a serem inscritas no modelo. Seu número é enorme. Imagine-se, por exemplo, o encontro de dois ou vários corpos na mesma tela, e considere-se apenas a superposição dos vários contextos, para se captar a riqueza de informações inseríveis no modelo. O propósito desta "proposta de modelo" ficou, creio, atingido. O de mostrar que tal tipo de modelo, e que seja tão rudimentar como o é o proposto, poderá servir para uma reorientação no corpo humano, e através esta, para uma reorientação no nosso contexto. Mas, e para tornar mais claro o propósito, é preciso acrescentar o seguinte:

A função de novos tipos de modelos não é a de propôr novas informações relativas ao fenômeno modelado, mas a de reestru-

turar as informações existentes. Nenhuma das informações aqui mencionadas é, obviamente, nova. Pelo contrário, são informações tão corriqueiras e gastas que tendem a serem esquecidas. A função de novos modelos é a de reestruturar informações existentes de tal maneira que reapareçam. Isto não exclui que a aplicação de novos modelos não resulte em informações novas. Mas tal não é o seu ponto de partida.

O que caracteriza a nossa situação não é carência de informações, mas seu aparente excesso. "Informações em excesso" significa que os modelos disponíveis se tornam ilegíveis porque não conseguem estruturar as informações com as quais são alimentados. Os modelos disponíveis são pouco satisfatórios, não apenas porque são suspeitos quanto à sua perspectiva, mas porque tendem a serem ilegíveis. Mas muito provavelmente se trata de dois aspectos do mesmo problema. Novos tipos de modelos provavelmente acabariam com a nossa impressão de que estamos sendo inundados por informações, e provocariam nova fome de informação, isto é: nova curiosidade. E fariam isto, por serem modelos novos, isto é: serem projetados de novo ponto de vista e, consequentemente, estruturarem as informações disponíveis de nova forma.

O modelo proposto, por rudimentar que seja, sugere que os novos meios de comunicação podem ser utilizados com tal finalidade. Como modelos de quatro dimensões, (espacio-temporais) que diacronizam sincronias, e sincronizam diacronias, e são projetados do ponto de vista intersubjetivo. Não, por certo, para substituírem os modelos existentes. Mas para, recorrendo a eles, enriquecer a nossa visão do mundo. É claro, tais modelos não são novos no sentido de jamais antes imaginados. São novos no sentido de materializações de modelos imaginados. Mas isto seria muita novidade.

O modelo proposto é rudimentar, e serve apenas à ilustração de possíveis modelos na direção apontada. Mas por rudimentar que seja, permite vislumbrar objeções fundamentais contra a empresa toda. Não é possível calar tais objeções, até em ensaio tão esboçado quanto o é o presente. Por outro lado não é possível procurar enumerar todas as objeções que vêm à mente. Procurarei considerar apenas duas entre elas, por me parecerem as mais decisivas.

(1) Modelos são instrumentos para a compreensão dos fenômenos que modelam. São, pois, instrumentos "epistemológicos";

visam resultar em determinada "episteme". Mas são, necessariamente, instrumentos elaborados à base de uma teoria de conhecimento esboçada por quem os elabora. São instrumentos pré-concebidos. De maneira que nunca poderão resultar em conhecimento diferente daquele previsto pela teoria que lhes deu origem. Neste sentido não são métodos eficientes para produzirem conhecimento novo. O modelo aqui proposto do corpo humano é disto bom exemplo. Se analisado, revela ser modelado por determinada teoria de conhecimento. O sujeito conhecedor aparece no seu centro (embora negativamente na forma de vacuidade), o objeto conhecível aparece em determinada posição com relação ao sujeito, e o horizonte chamado "minha morte" revela de que tipo de teoria se trata: a do existencialismo. E tal pré-modulação do modelo por determinada teoria, não é defeito apenas do modelo proposto, mas caracteriza todos os modelos. Não se deve pois nutrir demasiada esperança quanto à ação revolucionária, (inovadora), de modelos de novos tipos.

A objeção é válida, e não há como negá-lo. Mas o modelo proposto, por rudimentar que seja, mostra que tal objeção não invalida necessariamente a tentativa. Trata-se de um modelo destinado a fornecer conhecimento novo com relação a determinado fenômeno: "corpo humano"; e não a fornecer uma nova teoria de conhecimento. Não visa pois, propor solução nova para o problema antiquíssimo "sujeito-objeto", mas visa aplicar um ponto de vista específico desse problema ao fenômeno a ser conhecido, ponto de vista este, ainda não elaborado suficientemente por modelos. As visões objetivistas e subjetivistas do passado dificultavam sobremaneira o conhecimento do corpo humano, ao introduzirem constantemente a antinomia "corpo-espírito", ou "corpo-alma", antinomia esta, que se revelou pouco fértil. A visão fenomenológica não vê, tal antinomia. Para ela, "corpo" é extrapolação reificante do conteúdo de uma específica experiência, e "espírito", (ou "alma"), é extrapolação reificante da maneira pela qual tal experiência ocorre. Sob tal visão nem "corpo" nem "alma" ocorrem na realidade concreta. A virtude do modelo proposto (se virtude há) reside justamente no fato da eliminação da antiquíssima antinomia ao nível da utilização prática do modelo. O modelo deixa, no entanto, tal antinomia intocada ao nível da elaboração e crítica do modelo. Não resolve o problema "sujeito-objeto", porque não responde à pergunta "aonde está o elaborador e utilizador do modelo". Neste sentido a objeção é correta. Mas não é este o

propósito do modelo proposto, nem de não importa que outro modelo.

(2) Modelos são instrumentos para a compreensão dos fenômenos que modelam, isto é, para a orientação no mundo que nos cerca. Pois "orientar-se no mundo" é, no fundo, questão religiosa, qualquer que seja a nossa atitude com relação à religiosidade. Porque é questão "qual é a minha situação e possível meta no mundo?", e isto é, no fundo, questão religiosa. Mas modelos não podem fornecer respostas a tal pergunta, porque são elaborados à base de determinada religiosidade de quem os elabora, (confessa ou inconfessa, consciente ou inconsciente). De maneira que quem elabora modelos já está em posse da resposta que finge procurar mediante o modelo. O modelo aqui proposto é disto bem exemplo. O modelo, se analisado, revela a estrutura das religiões tradicionais do Ocidente. E o revela sob forma característica para um estágio específico que tais religiões alcançaram, na atualidade. A vacuidade no centro do modelo, corresponde para certas pessoas. A vacuidade no centro do modelo, corresponde ao lugar da "alma" na estrutura tradicional, e o horizonte do modelo corresponde ao lugar do "Deus transcendente". O vazio dos dois lugares no modelo corresponde à visão das religiões tradicionais que alguns têm na atualidade. Tal pré-modulação do modelo por determinada religiosidade não é defeito apenas do modelo proposto, mas caracteriza todos os modelos. Não se deve pois, nutrir demasiada esperança quanto a uma possível "nova cosmovisão" graças a modelos de novos tipos.

A objeção é válida, mas, curiosamente, pode ser invertida para passar a sustentar a tentativa proposta. O argumento é este: os modelos atualmente disponíveis encobrem o fato que, todos eles, inclusive os aparentemente mais abstratos e teóricos, e os aparentemente mais "isentos de valor", são elaborações de determinada religiosidade. Tal encobertura problematiza todos os conhecimentos que tais modelos oferecem. O modelo proposto, pelo contrário, por ter sido projetado a partir do concreto "estar-no-mundo", permite a descoberta de tal estrutura latente com relativa facilidade porque o concreto "estar-no-mundo" tem dimensão religiosa. Em outros termos: o modelo não visa dar resposta à problemática religiosa, e não pode visar tal meta. Não serve, por exemplo no modelo proposto, para sugerir métodos para a salvação da alma, nem para sugerir métodos para a superação do mito da alma. Neste sentido a objeção é correta. Mas o modelo, por exemplo o proposto, visa proporcionar conhecimento do corpo

humano, e um dos conhecimentos que proporciona é o que nós, os ocidentais, vivenciamos o nosso corpo à maneira ocidental, como "incarnação da alma", qualquer que seja a nossa atitude consciente e respeito disto. Neste sentido a objeção vem e fortalece a tentativa.

Outras objeções são formuláveis. Embora não devam ser ignoradas, não devem inibir a tentativa. Devem, pelo contrário, ser enfrentadas na medida na qual a elaboração, e utilização dos modelos progredem. Devem ser adladas. E adlar objeções é uma maneira de removê-las do caminho. Porque, afinal de contas, as prova do bolo é no comê-lo.

O exemplo de um novo tipo de modelo possível, fornecido neste ensaio, visa contribuir para a discussão do problema da carência de modelos. Tal carência é um aspecto da nossa crise. No caso da nossa compreensão do corpo humano a crise está assumindo a seguinte forma: Os nossos modelos objetivos do nosso corpo estão se tornando sempre mais aperfeiçoados, o que permite conhecimento teórico sempre melhor, e manipulação técnica sempre mais eficiente. E contribui para teoretização crescente do fenômeno "corpo", e, conseqüentemente, para a nossa crescente alienação com relação à experiência concreta do corpo. Isto tende a nos transformar em robots manipuláveis cientificamente. Os modelos subjetivos do nosso corpo dos quais dispomos são o Inverso de tal medalha. Aceitamos a vivência concreta do corpo com crítica decrescente, e isto tende a uma crescente submissão ao corpo, e endeusamento da vivência que temos do corpo. O sensacionalismo, (no sentido de "submissão às sensações do corpo"), está adquirindo formas sempre mais acentuadas, das quais apenas uma é o uso das drogas. Trata-se de alienação com relação ao corpo que está em retro-alimentação com a outra, a objetivante. De maneira que, "cultura" e "contracultura" se revelam, no caso do nosso corpo, não como opostos, mas paralelos. E o que está sendo afirmado com relação ao nosso corpo, pode, mutatis mutandis, ser afirmado com relação a numerosos outros problemas.

Pois dispomos tanto de método filosófico e científico, (o fenomenológico), quanto de meios novos, (os fornecidos pela "revolução dos meios de comunicação), para tentarmos elaborar novos tipos de modelos. Tipos de modelos destinados a fornecer conhecimento não fornecido pelos modelos atualmente em uso. E tal conhecimento novo poderá possivelmente, embora não ne-

cessariamente, contribuir para a superação de certos aspectos da nossa crise. O desafio é, pois, empolgante. Transmitir tal sensação de aventura não é o menor dos propósitos do presente ensaio.

NOTA

Para Vilém Flusser este texto corporifica uma sugestão para o uso do video-tape que seria proposto à TV alemã e à Faculdade de Comunicações da NYU em Buffalo, USA. A versão portuguesa do artigo foi enviada a Gabriel Borba para uma eventual publicação no Brasil e uma possível utilização no Setor de Rádio - Televisão da USP.

JEAN OTTH - ESPAÇO TV

1 Sensibilizado pelos ESPAÇOS DA REPRODUÇÃO, deles faço uso. (Do ponto de vista da comunicação, a obra original não é senão da conta do artista).

2 A televisão, mais que todos os outros meios, trata do Real. Tudo é artifício, tudo é ARTE.

3 IMAGEM TV = IMAGEM CIRCE. Precavehhamo-nos com os estereótipos e com os MITOS.

Destinatadores e destinatários serão rapidamente transformados em porcos.

4 O ESPAÇO Televisual e MAGNETOSCÓPICO, é um ESPAÇO PICTURAL.

5 As televisões oficiais (***) revelaram ZONAS DE SENSIBILIDADE, não nos seus programas, mas no substrato (jornal utilizado).

6 As ESTÉTICAS SUBJACENTES da linguagem televisual tem ainda mais importância que as estéticas consentidos e assumidos pelos produtores de imagem.

7 A PERTURBAÇÃO ELETRÔNICA (***) revela-me a estrutura da imagem televisual; nela eu visto para melhor reduzi-la a um mundo sensível, ou seja, VISIVEL.

IMAGEM ELETRÔNICA — IMAGEM IMPRESSIONISTA.

8 IMAGEM ELETRÔNICA — IMAGEM IMPRESSIONISTA.

* JEAN OTTH, artista plástico sulço que usa como meio de expressão equipamentos portáteis de televisão. O seu manifesto ESPAÇO TV é de maio de 1972 e apareceu pela primeira vez no Brasil em um catálogo do artista, apresentado por René Berger, na Bienal de São Paulo de 1973.

** Televisões comerciais para o Brasil. (Não parece haver grande diferença para este caso, entre as televisões oficiais européias e as televisões comerciais americanas. O tradutor).

*** PERTURBAÇÃO ELETRÔNICA é o título geral que JEAN OTTH deu a esta fase do seu trabalho.